

Projeto global para o Brasil * 9 NOV 1993

CORREIO BRAZILIENSE

Roberto A. R. Aguiar

O Brasil está à deriva. Esta afirmação talvez seja a única unanimidade nacional. As soluções propostas e tentadas remendam uma estranha colcha de retalhos que não consegue cobrir nem a renitente inflação, nem a miséria absoluta de grande parte da população.

O futuro só poderá ser vislumbrado se houver um planejamento claro, com metas factíveis, embasado em idéias-força democraticamente construídas. Não adiantam soluções mirabolantes para a saúde, para a educação, para a questão fundiária, se entre os projetos nessas áreas não houver um fio condutor, uma racionalidade unificadora e uma legitimidade que respalde as intervenções necessárias para realizá-los.

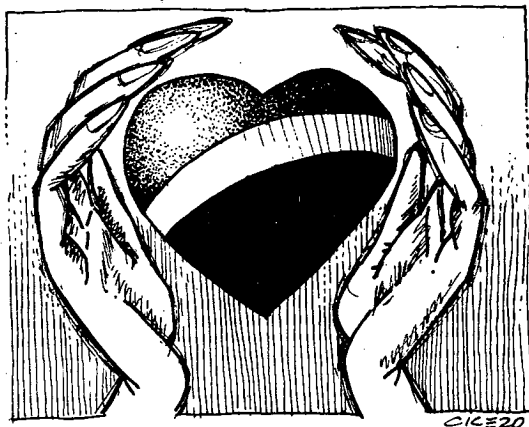
Por outro lado, é evidente que vivemos sob a égide de um Estado fraco de idéias e fissurado por condutas antiéticas e por conluios costumeiros, que podem fazer dele uma sucursal de interesses privados, em negação aos mínimos princípios do atendimento do bem da sociedade brasileira e da publicidade de suas funções.

Os partidos políticos, que deveriam ser as usinas onde as novas idéias são geradas, o local onde a globalidade política é pensada, tornaram-se, com raras exceções, cabides para viabilizar candidaturas aos cargos majoritários e proporcionais. Apequenaram-se e se acomodaram ao papel infeliz de corretores de candidaturas, quando deveriam ser a expressão legítima e democrática dos grupos que atuam na sociedade brasileira. Logo, quando apresentam projetos, desenvolvem uma pobre retórica sobre temas pontuais, não respondendo às demandas da sociedade e não propondo soluções que tenham um mínimo de abrangência e generosidade.

A sociedade brasileira, após a derubada de um presidente iníquo na

qual teve papel fundamental, parece estar vivendo uma ressaca cívica, oriunda, talvez, da profunda crise que se abate sobre o País e da descrença e esgarçamento ético daí resultantes. Logo, os movimentos sociais, as organizações populares e os sindicatos parece terem entrado na penumbra de um cotidiano pobre, quando não escolhem o caminho dissoluto do corporativismo egótico.

Os movimentos pela ética na política, pelo combate à miserabilidade, que são expressões legítimas da cidadania, devem ser aprofundados por uma outra ação que é a de construir um planejamento estratégico alternativo para este país. Esta é uma ação cívica necessária, a fim de



que nossos projetos não sejam meros remendos de interesses menores, nem sejam um conjunto desconexo de soluções, onde umas inviabilizam as outras, sem qualquer objetivo claro ou valores que as embasem. Parece que as elites brasileiras, atrasadas e interesseiras, outra coisa não fizeram na História senão procurar o lucro presente, suicidando seus próprios futuros e desenvolvendo uma estratégia miúda de reações e respostas, e nunca de ações transformadoras.

Mas existe alguma esperança. É notícia, hoje, a realização de uma conferência nacional sobre projetos alternativos para o Brasil, sob o patrocínio de dez universidades públicas brasileiras e com o apoio de de-

zenas de organizações da sociedade civil, que se realizará em Brasília, entre 10 e 15 deste mês. Nela, a inteligência brasileira, os partidos políticos, os grupos de pesquisadores e todos aqueles que se preocupam com a globalidade dos problemas do Brasil vão estar presentes, dando a público suas idéias, confrontando seus valores e propostas, tornando claras suas convergências e divergências. A Universidade de Brasília, nesse período, será a sede do pensamento brasileiro. Ao mesmo tempo, será um termômetro político do Brasil, já que os partidos que lá não apresentarem suas idéias, estarão passando um atestado de sua alienação ou de sua ausência de preocupação com o estado da Nação brasileira. Lá será discutida e aferida pelos presentes a consistência dos projetos apresentados, o grau de consenso e dissenso que eles exibem. Lá serão discutidos os problemas centrais da política, da economia, da soberania, da ocupação do território, da ética, da justiça, dos poderes, dentre outros. Lá estará a cidadania brasileira agindo de modo plural.

A proposta é da conferência ser o momento inicial de um processo de discussão, de uma busca de consistência das respostas e projetos, que se traduzirão por debates regionais, publicações periódicas e busca da clareza das divergências e aproximações de propostas.

Os políticos que não se sensibilizarem com as propostas democraticamente discutidas, aqueles que se exilarem na província de seus interesses menores, certamente estarão mostrando a seus eleitores potenciais que se acham ancorados no velho modelo, já que o Brasil, hoje, necessita da ousadia e do novo para enfrentar suas contradições e para erradicar o câncer das almas pequenas que informa as metástases de muitas de nossas ações políticas.

■ Roberto A. R. Aguiar é diretor do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília